



MESSIANISMOS E PENTECOSTALISMOS NO CONTEXTO BRASILEIRO: CRISES E ESPERANÇAS¹

MESSIANISMS AND PENTECOSTALISMS IN THE BRAZILIAN CONTEXT: CRISES AND HOPES.

Eder Silva*

Márcio Luiz Fernandes**

Jefferson Zeferino***

Resumo:

O presente artigo pretende fazer notar contornos messiânicos no imaginário e na estrutura das Assembleias de Deus, conjunto mais volumoso dentro daquilo que genericamente é chamado de *evangélicos*. Objetiva-se analisar seu desenvolvimento histórico, social e teológico, permitindo identificar convergências entre o fenômeno messiânico e os pentecostalismos. Como resultado, enfatiza-se a centralidade da esperança messiânica, que pode ser personificada no pastor ungido, como narrativa organizadora (mito) da experiência comunitária pentecostal que – assumindo um *ethos* próprio (ainda que dinâmico) e diante de crises sociais várias como aquelas que fizeram eclodir movimentos messiânicos e pentecostais na virada do século XIX para o XX – está sempre em busca de um mundo outro. Crises sociais; esperança de cura, libertação e prosperidade; discursos fundantes; a figura do messias; e a tentativa de construção do paraíso na terra/reino de Deus são, portanto, elementos comuns (mesmo que multifacetados) entre messianismos e pentecostalismos.

Palavras-chave: Fenômenos messiânicos; Movimento Pentecostal; Esperança messiânica; Messias; Teologia Pública.

Abstract: The current article intends to note messianic contours in Assembly of God structure and imaginary through sociological and religious studies. In Brazil, the so-called Assemblies of God is the major group within the generic expression *evangélicos* (evangelicals). The objective is to analyze its historical, social and theological development, allowing to identify convergences between the messianic phenomenon and Pentecostalism. As a result, we highlight the centrality of messianic hope, that may be embodied by the anointed pastor, as the narrative (*myth*) that organizes the Pentecostal communitarian experience of reaching out to a different world. This community embraces a proper *ethos* (a dynamic one though) and faces various social crisis as the ones that made hatch messianic and Pentecostal movements in the turn from the 19th to the 20th century. So, social crisis; the hope for cure, liberation and prosperity; founding discourses; the figure of the messiah; and the attempt to build paradise on earth/kingdom of God are some common (but multifaceted) elements between messianisms and pentecostalism.

Keywords: Messianic phenomena; Pentecostal movement; Messianic hope; Messiah; Public Theology.

¹ Enviado em: 09.09.2021. Aceito em: 20.12.2021.

* E-mail: silva.eder@pucpr.edu.br

** E-mail: marcio.luiz@pucpr.br

*** E-mail: jefferson.zeferino@hotmail.com

Introdução

Foi ao folhear uma edição antiga de Bossuet e num tomo que acrescentava alguns fragmentos a seu *Discours sur l'Histoire universelle* que encontrei uma definição da esperança por Aristóteles, tal qual a teria relatado Diógenes Laércio e tal como Bossuet a transcreve, não sem algum fervor: “Que vem a ser a esperança? *O sonho de um homem em vigília*”. Garantia especialmente valiosa já que nela se unem filósofo, historiador e teólogo².

O crescimento da população brasileira evangélica e de sua participação na política está cada vez mais evidente, basta considerar seu peso decisório no último pleito eleitoral e toda a simbólica religiosa assumida pelo candidato que saiu vencedor daquela corrida presidencial³. Efetivamente, os dados do IBGE⁴ apontam que, em 2010, cerca de 22,2% das pessoas se confessaram evangélicas, atrás apenas das que se declararam católicas, 64,6%. Ao que se deve notar o crescimento do primeiro grupo, que em 1980 contava com cerca de 6,6% da população, e o decréscimo do segundo, que naquele censo, contabilizava 89% dos brasileiros. Apresentado este quadro, cabe, de imediato, esclarecer que o termo *evangélico*, de uso corriqueiro, é impreciso, abarcando dentro de si um contingente bastante diverso, desde protestantes tradicionais, como aqueles oriundos de movimentos de imigração como os luteranos, e outros grupos cujo deslocamento para o Brasil se deu em virtude de um ímpeto missionário, como os batistas; passando pelos assim chamados pentecostais e neopentecostais; e incluindo grupos que ainda carecem de maior precisão tipológica, como a Igreja Bola de Neve e a Onda Dura.

De modo geral, se pode dizer que os pentecostais são o grupo mais volumoso e representativo, quando da utilização do termo *evangélico*, pela mídia e mesmo em trabalhos acadêmicos. Nesse contexto, as Assembleias de Deus, com uma capilaridade ímpar, registram cerca de 12,3 milhões de adeptos⁵. Na ausência de novos dados, mas em virtude tanto da tendência de crescimento dessas igrejas, como pelo seu engajamento proselitista, é possível imaginar que estes números possam ser significativamente maiores passada mais de uma década desde o último censo. Dessa forma, ao passo que o expansionismo evangélico se concretiza, o pentecostalismo se consolida, ocupando um espaço cada vez maior.

A inserção do pentecostalismo no campo político se dá ao passo que se torna mais visível o crescimento de evangélicos no Brasil também nas zonas urbanas. Em 1961, cerca de meio século após a fundação das primeiras comunidades pentecostais no país, a igreja O Brasil para Cristo elege um deputado federal e, dois anos depois, um deputado estadual⁶. Porém, somente em 1986, após o regime militar, se nota maior visibilidade da presença de evangélicos pentecostais na política, cabendo às Assembleias de Deus um maior protagonismo, tendo como meta a eleição de ao menos

² DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 18.

³ Seu discurso, quando eleito, traz citação bíblica e referências a Deus (CORREIO BRAZILIENSE, 2018).

⁴ MENEZES, Renata. Religiões, número e disputas sociais. In: *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 69, 2014, p. 61.

⁵ TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. In: *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 69, 2014, p. 38.

⁶ LOPES, Noemi Araújo. *A frente parlamentar evangélica e sua atuação na Câmara dos Deputados*. Monografia em Ciência Política. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

um deputado em cada Estado da federação, alcançando o número de 26 deputados federais em 1987⁷.

Assim como se experimentou uma mudança demográfica significativa desde a década de 1980 até as primeiras décadas do século XXI, também a postura política desses grupos foi se alterando. Há um deslocamento da máxima de que “crente não é deste mundo, por isso não se envolve em política”, para a ideia de que “irmão vota em irmão”. Garantida a presença na Câmara Federal, a bancada evangélica se organiza e, em 2003, surge a Frente Parlamentar Evangélica e, com ela, a forte presença de duas das igrejas mais importantes do cenário pentecostal e neopentecostal com seus respectivos partidos, a saber, a Assembleia de Deus com o Partido Social Cristão (PSC) e a Igreja Universal do Reino de Deus com o Partido Republicano Brasileiro (PRB), atual Republicanos⁸.

Paulatinamente, os grupos políticos vão sendo notabilizados por suas pautas religiosas conservadoras, na reação à questão do aborto legal, a resistência em relação aos direitos da população LGBTQIA+, um discurso de defesa da família tradicional, elementos que se coadunaram com interesses do conservadorismo católico. Neste período recebem atenção figuras como Marco Feliciano – na época no PSC e atualmente no Republicanos – que chega a presidir a Comissão de Direitos Humanos e Minorias na Câmara; o pastor Everaldo Dias Pereira⁹, também do PSC, candidatando-se à presidência no pleito de 2014; e Eduardo Cunha (PMDB), que ocupa, em 2015, uma das posições mais importantes da federação com a presidência da Câmara, dirigindo, no ano seguinte, os trabalhos que levaram ao impedimento da então Presidenta Dilma Rousseff. Não raro, seus interesses se coadunam com outros grupos conservadores como as assim chamadas bancadas do Boi e da Bala, possuindo em comum também uma ênfase na economia de mercado ou, em outros termos, na prosperidade¹⁰.

Apesar de não se poder diluir o complexo campo pentecostal nas suas figuras representativas políticas, é possível notar certos contornos constitutivos de uma identidade religiosa que deposita sua esperança de uma vida melhor em Deus e nos seus escolhidos. Em nível comunitário, essa esperança é partilhada, gerando uma atmosfera de redenção coletiva. Qualquer semelhança com os assim chamados movimentos messiânicos não é mera coincidência, uma vez que, tanto os movimentos messiânicos possuem influências da tradição judaico-cristã, quanto as igrejas cristãs vivem da expectativa da volta do messias.

Em que medida, efetivamente, o pentecostalismo assembleiano e características de messianismos brasileiros, conforme estudos sociológicos, se inter-relacionam? No presente estudo, portanto, em um primeiro momento, apresentam-se os principais trabalhos sobre messianismos no país, bem como suas terminologias; na sequência, leem-se as origens das Assembleias de Deus na busca de seus contornos messiânicos. Como resultado, ressalta-se a esperança messiânica como força motriz de movimentos de indignação e resistência em relação às crises sociais, econômicas e políticas da virada do século XIX para o XX, sendo traduzido em levantes organizados de confronto com o *status quo*, como Canudos e o Contestado; e em experiências comunitárias de avivamento

⁷ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 1993, p. 197.

⁸ CUNHA, Magali do Nascimento. *Religião e política: fundamentalismos evangélicos no Brasil contemporâneo e suas expressões pelas mídias*. In: KUZMA, Cesar; CAPPELLI, Marcio. (Org.). *Religião, ética e política*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 39-41.

⁹ O pastor chegou a ser preso em 2020 em operação ligada a Wilson Witzel. Em, 2016, Pastor Everaldo realizou o batismo de Bolsonaro no Rio Jordão, em Israel. Ato que possui expressiva força simbólica com os setores evangélicos. (SAKAMOTO, 2020).

¹⁰ CUNHA, 2018, p. 42-43.

espiritual como a Missão de Fé Apostólica em Belém do Pará que, a partir de 1918, receberia a nomenclatura estatutária de Sociedade Evangélica Assembleia de Deus¹¹.

CARACTERÍSTICAS DE MESSIANISMOS NO BRASIL

Dada a pluralidade de eventos designados como messianismos, o presente tópico objetiva clarificar aspectos terminológicos e históricos que deem suporte à conexão pretendida entre messianismos e pentecostalismo assembleiano. Para tal, Maria Isaura Pereira de Queiroz, principal teórica brasileira da temática, apresenta as seguintes definições para o que denomina de movimento messiânico:

[...] um movimento messiânico é nativista, é mágico, é revivalista ou é sincrético de acordo com a cultura ou civilização em que surge. Os traços não têm sentido em si mesmos, mas dentro do contexto cultural em que funcionam, e cada contexto cultural é único¹².

Dentro das dinâmicas contextuais, portanto, é possível que os messianismos se confundam, ou mesmo se misturem, com outros fenômenos tais como o sebastianismo e os milenarismos. Entende-se por sebastianismo o

[...] movimento messiânico consecutivo tanto à morte de Dom Sebastião, rei de Portugal, durante a luta contra os mouros, quanto à dominação espanhola que se seguiu. A crença segundo a qual o rei morto habitava a ilha das Brumas e voltaria para libertar seu povo e devolver a seu país o primeiro lugar entre as nações. O movimento se implantou também no Brasil¹³, como por exemplo o de Pedra Bonita em Pernambuco¹⁴.

Quanto aos milenarismos, cabe ressaltar que,

[...] em linguagem teológica – que parece a linguagem mais apropriada para este problema, – existiria uma escatologia, ou corpo de doutrinas concernente ao estado final do mundo, que era quiliástica no sentido mais geral do termo, – significando que predizia um Milênio, não necessariamente limitado a mil anos, e na verdade sem limitação alguma, em que o mundo seria habitado por uma humanidade de bondade perfeita e gozando também felicidade perfeita¹⁵.

De qualquer modo, há sempre, no seio dos messianismos, uma certa estrutura sociologicamente observável, sendo que

[...] forma-se, primeiramente, o mito messiânico com elementos tanto da cultura nativa quando da ocidental, além de outros, peculiares à situação que se criou; é a fase da espera messiânica. Vem depois a fase da tentativa de realização do paraíso terrestre prometida pelo mito e anunciada pelo messias, que emerge como figura carismática, profetizando prosperidade material, melhoria social, salvação e é seguida da organização dos adeptos num grupo ou movimento, cujas atividades visam a criar o mundo perfeito¹⁶.

¹¹ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 41.

¹² PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, p. 40.

¹³ DESROCHE, Henri. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000, p. 418.

¹⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, 1977.

¹⁵ COHN apud PEREIRA DE QUEIROZ, 1977, p. 30.

¹⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, 1977, p. 82.

O que ocorre, portanto, é a criação de uma expectativa de superação de situações difíceis. Esta esperança compartilhada move pessoas, procura um suporte no passado (mito) e no futuro (um novo tempo, uma nova terra), mediada por uma figura representativa (messias). Pois, “o mito é Palavra criadora e re-veladora”¹⁷. Já “a figura messiânica é identificada com o Herói cultural ou o Ancestral mítico cujo retorno era aguardado. Sua vinda equivale a uma reatualização dos tempos míticos da origem, e, portanto, a uma recriação do Mundo”¹⁸. Assim, “o mito seria uma forma de tornar mais inteligível o mundo e as sociedades”¹⁹.

Em consonância com Henri Desroche, pode-se inclusive afirmar que uma determinada situação histórico-cultural torna a presença messiânica uma exigência, seja ela personificada ou sonhada. Para o autor, o messias, como figura central do movimento messiânico e personificação da esperança messiânica, reúne uma série de características e relações.

O messianismo é um fenômeno propício à manifestação das grandes personalidades ou, mais exatamente, das personalidades abertas a um estado segundo, capazes de canalizar sua *persona* para o *personagem* e, uma vez a primeira identificada com o segundo, viver sob o duplo registro da sociedade e da sobre-sociedade, da natureza e da sobrenatureza. Aliás, é isso o que o dogma ratificou ao falar do Cristo como de uma Pessoa com duas naturezas. Mas o dogma adentra um território ao abrigo da verificação ao falar de uma pessoa *divina*. Os messias observáveis são pessoas humanas. Elas pertencem ao humano, demasiado humano, e a observação discerne a sucção de sua humanidade rumo a esse sobre-humano do qual não sabemos com certeza se ele é o reino do sagrado ou o da loucura, o reino de deus ou do delírio, o reino do desafio a ser aceito ou do impossível em que desaparecer em corpo e *alma*. E *alma*. Pois os messias só se tornam messias mudando de alma. Seus organismos hesitam, resistem a esse transplante que os retorce e que eles recusam. É por isso, sem dúvida, que essa operação só é feita no laboratório de grandes pressões históricas: catástrofes, calamidades, opressões, guerras, servidão, frustrações violentas... todas condições que são o noviciado do messias, noviciado que, com frequência, é ulteriormente dissimulado pelo brilho de sua aparição pública, a qual, por sua vez, só se dá pouco a pouco, sonho após sonho, viagem após viagem, manifestação após manifestação²⁰.

Desse modo, nota-se que o messias é maior que o humano que o encarna, e sua aura messiânica está ligada às respostas buscadas por quem nele deposita sua confiança em tempos adversos. Sobre o pano de fundo de crise social que plasma a gênese da esperança messiânica, Henri Desroche prossegue afirmando o seguinte:

[...] tudo se passa como se seres humanos – personalidades e/ou comunidades – premidos pelo peso das necessidades, encontrassem algo como a corda de uma mensagem, de um anúncio, de uma “revelação”, de um evangelho. Corda que ora julgam ter vindo de alhures, ora ter saído deles mesmos. Pouco importa. Num caso como no outro é uma corda que eles lançam no ar, vale dizer, no vazio, nas nuvens, no céu. [...] ela dá sustento e alento a seu esforço que assim pode perdurar, ainda que, quando acreditam atrair o céu à terra, não façam senão, conforme a imagem do Pseudo-Dionísio, impelirem suas terras antigas para novos céus²¹.

¹⁷ CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. São Paulo: Editora convívio, 1975, p. 68.

¹⁸ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 67.

¹⁹ ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Messianismo e modernidade: repensando o messianismo a partir das vítimas*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 51.

²⁰ DESROCHE, 2000, p. 56.

²¹ DESROCHE, 1985, p. 9.

Essa corda de esperança é justamente aquilo que coloca pessoas em movimento em busca de salvação: “o esquecido ou negligenciado Ente Supremo é relembrado, especialmente por ocasião de uma ameaça proveniente das regiões celestes (seca, tempestades, epidemias)”²². Assim, o esforço de ligar necessidades terrenas ao refrigério celeste adentra abundantemente no imaginário popular brasileiro, possibilitando contextualizá-lo a momentos de transições e inquietações populares ocorridos no país; tempos em que “representantes do povo não representavam ninguém, os representados não existiam, o ato de voto era uma operação de capangagem”²³. A centralização dos recursos em alguns estados da nação, deixava as outras regiões às margens. Com isso, o governo federal não desempenhava seu papel de cuidado das populações mais vulneráveis²⁴.

Visto que a promessa de progresso, decorrente da transição política, não trouxe em seu bojo os resultados almejados, grande parte de fazendeiros, sitiante e homens livres (alforriados em decorrência da abolição da escravatura) viam-se no iminente abandono. Não mais poderiam contar com a ideia de um protetor²⁵.

Dos diversos movimentos messiânicos que se posicionaram contrários à República, os mais notórios são o de Canudos (também chamado Belo Monte), sob a liderança de Antônio Conselheiro, ocorrido na Bahia entre os anos 1893 a 1897²⁶ e a Guerra Santa do Contestado, que aconteceu entre os anos de 1912 a 1916 no Sul do Brasil, liderado por João Maria²⁷. A falta de aderência entre anseio da população e as práticas religiosas consolidadas tendem também contribuir para a eclosão desses movimentos.

Estes e outros movimentos foram amplamente estudados no decorrer do século XX. Maurício Vinhas de Queiroz (1966) e Duglas Teixeira Monteiro (2011) fazem análises sobre o sebastianismo milenarista do Contestado, enquanto Raymundo Nina Rodrigues (2006) aborda os messianismos voltando-se para o campo da psicologia, assim como Rui Facó (1991) e Euclides da Cunha (2001) que, conforme o historiador Vicente Dobroruka, muitos pesquisadores tomavam os movimentos messiânicos por patologias sociais, surtos coletivos e fanatismos religiosos, concentrando-se em movimentos dolorosos, como os de Canudos e Pedra Bonita²⁸.

Porém, em Rui Facó (1991) percebe-se ainda uma outra abordagem, a saber, sob os aspectos econômicos como contribuintes para o surgimento desses fenômenos. Já Gregg Narber (2003) interpreta-os sob a perspectiva socioambiental, incorporando também aos messianismos os aspectos violentos e místicos decorrentes das precariedades que assolavam as regiões onde se reproduziam estes fenômenos.

Mas no sociólogo Henri Desroche (1985) encontra-se abordagens mais ligadas à fenomenologia dos transe, envolvendo a esperança messiânica como conceito elementar. Já em Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977) desenvolve-se as tipologias acerca dos messianismos nas

²² ELIADE, 1998, p. 89.

²³ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 89.

²⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 144.

²⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio [et. al.]. *O Brasil Republicano. v. 9: Sociedade e instituições (1889-1930)*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

²⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, 1977.

²⁷ MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

²⁸ DOBRORUKA, Vicente. *História e milenarismo: Ensaios sobre tempo, história e o milênio*. Brasília: UNB, 2004, p. 70)

suas complexidades, bem como a dinâmica das interações entre os agentes sociais envolvidos, territorialidades e relações de poder.

Nos estudos da religião, destaca-se o trabalho de Luiz Alexandre Solano Rossi (2002), que aborda os messianismos sob a perspectiva das rupturas das estruturas tradicionais, pelos efeitos da modernidade, entre outros fatores, como territorialidades e condições econômicas. O autor ainda aborda aspectos da esperança messiânica, compreendendo existir uma busca de restauração do Paraíso sobre a Terra²⁹, “paraíso perdido, mas não esquecido – que provoca e estimula um poderoso desejo de algum dia reencontrá-lo”³⁰. Sonha-se com um mundo melhor, com uma terra sem sofrimento³¹, um novo tempo repleto de justiça e felicidade. Esta esperança, não raro, é personificada, de modo a prefigurar um líder ungido com a missão de reconduzir o povo à justiça social e humilhar e triunfar sobre seus inimigos, procurando reestabelecer um reino de gozo e gloriosa paz, trazendo o juízo final aos adversários do povo de Deus³².

O vocabulário bíblico não é estranho aos messianismos. A esperança messiânica possui suas raízes no Antigo Israel e se faz presente no judaísmo do primeiro século. Não por acaso Jesus é identificado como o Cristo, o messias (ungido)³³. Quer seja tipificado como enviado divino ou como herói, baseado no poder divino ou no carisma, o messias constitui-se como base do messianismo³⁴.

Nesses aspectos o fenômeno messiânico costuma se projetar num imaginário coletivo, podendo interferir nos diversos campos de uma sociedade, seja no político, religioso, cultural, econômico, entre outros. Isso tende a ocorrer geralmente quando se tem um cenário de precariedades, instabilidades e crises políticas e econômicas que circunscrevem a população no anseio de representações ou lideranças que lhes tragam promessas de bem e de libertação de suas mazelas, desconfortos e sofrimentos, ou seja, há uma esperança de reversão social³⁵. Mas “o messias só merece este título na medida em que uma coletividade diligente o reconhece como líder”³⁶.

Em resumo, com base nos autores e autoras acessados no presente tópico, é possível identificar uma série de características que compõem o fenômeno messiânico. 1. Há o estabelecimento de um imaginário que recorre a uma certa promessa de mundo melhor, sendo traduzida numa narrativa organizadora, um mito messiânico. 2. O mito estrutura a leitura da realidade e o trânsito entre os anseios e as práticas que ao se firmarem na corda da esperança messiânica aproximam o horizonte desejado. 3. O messias, este alguém outro que irrompe salvificamente, personifica a esperança messiânica e, nesse sentido, é maior que a pessoa que o

²⁹ Alusão ao poema épico *Paradise Lost*, de John Milton, publicado pela primeira vez em 1667 no formato de dez cantos, ilustrando a espera de Milton, “no começo da revolução inglesa, que a Inglaterra seja distinguida como o povo mais sábio e o mais cristão nesse dia em que Tu, Rei eterno esperado para breve (*shorty expected*), abrirás as nuvens para vires julgar os reinos deste mundo, outorgar honras e recompensas às repúblicas religiosas e justas, pôr fim a todas as tiranias terrestres e proclamar nos céus e na terra tua monarquia doce e universal” (DESROCHE, 2000, p. 339).

³⁰ ROSSI, 2002, p. 21.

³¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 19-22.

³² Considera-se aqui o sentido no qual os pentecostais costumam, em seus discursos e homiléticas, definir a sociedade em dois grupos distintos: os do mundo e os de Deus.

³³ SOUSA, Rodrigo F. de. O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência. In: *Revista USP*, n. 82, 2009, p. 8-15.

³⁴ GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. O messianismo milenarista no Brasil e o mito do eterno retorno: limites e possibilidades de reflexão. In: *Ciências da Religião – História e Sociedade*, v. 6, n. 2, p. 13-35, 2008, p. 19-21.

³⁵ ROSSI, 2002, p. 23-28.

³⁶ PEREIRA DE QUEIROZ, 1977, p. 37.

encarna. Há uma aura messiânica, um aspecto místico, uma conexão privilegiada com o elemento divino, aproximando o céu à terra, sua pregação e ministério remetem à prosperidade material, libertação, melhoria social, cura, salvação, vitória sobre os inimigos. 4. Ao redor do messias está a comunidade messiânica que tentará realizar o paraíso, vivendo um ordenamento moral distinto do *mundo*, negando aquele mundo que justamente a empurra para a espera de algo distinto daquilo que se vive; 5. O mundo negado, por sua vez, está ligado às crises sociais e contextos histórico-culturais que fazem nascer a esperança de que algo possa ser diferente daquilo que é, o ciclo messiânico recomeça (um eterno retorno do mesmo?).

PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO EM CONTORNOS MESSIÂNICOS

No instante em que Gunnar Adolf Vingren (1879-1933) e Daniel Högberg (1884-1963), aportam em Belém do Pará, no ano de 1910, deparam-se com um cenário político composto de instabilidades e efervescências. Se, por um lado, o Brasil do século XIX e início do XX leva a eclosão de diversos movimentos messiânicos aqui e ali, também oferece o solo a partir do qual dois missionários suecos que se acreditavam como enviados por Deus, dariam início à Missão de Fé Apostólica.

No cenário religioso, encontram um catolicismo que celebrava suas missas em latim, luteranos que cultuavam em alemão, anglicanos que realizavam a liturgia em inglês, as religiões de matriz afrodiáspóricas nem mesmo eram reconhecidas como instituições religiosas e até mesmo uma outra igreja pentecostal, a Congregação Cristã no Brasil, cantava seus hinos em idioma italiano até 1935³⁷. Os missionários suecos, que haviam passado antes um período nos Estados Unidos, trazem em suas homilias o propósito de repetir, no espaço religioso brasileiro, alguns dos reflexos do pentecostalismo da *Azusa Street*, entre os quais: a consagração de ministros para o ofício eclesiástico sem lhes exigir os pré-requisitos que vigoravam em outras denominações, como intelectualidade no âmbito teológico, gênero (masculino), e até mesmo restrições étnicas em alguns segmentos³⁸.

Segundo o pesquisador de fenômenos pentecostais, Valdinei Gandra,

Entre os líderes que estiveram em Los Angeles para conhecer o pastor Seymour e a comunidade que ele pastoreava, estava o pastor Batista de Chicago, William Howard Durham, que em 1907 fundou a North Avenue Mission. Leonildo Campos (2005) esclarece, porém, que Durham discordava de Seymour, pois este defendia três estágios soteriológicos (conversão, santificação e 'batismo com o Espírito Santo'), enquanto aquele acreditava em duas etapas (conversão/santificação e 'batismo com o Espírito Santo'), pois acreditava que a conversão implicava necessariamente a santificação, pois já seria uma conquista assegurada, apenas exercendo-a na sociedade. A relevância histórica de Durham vai além da questão doutrinária, pois é da North Avenue Mission de Chicago, liderada por ele, que saíram os três pioneiros do movimento pentecostal no Brasil: o italiano Luigi Francescon

³⁷ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 19,25.

³⁸ SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à "cultura católico-brasileira". In: ANTONIAZZI, Alberto [et al.]. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 34-63, p. 40; ALENCAR, 2010, p. 25.

(1866-1964) fundador da Congregação Cristã em 1910, e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus em 1911³⁹.

Deste modo, ao romper com paradigmas religiosos, o pentecostalismo assembleiano nascente destoa de sistemas outrora vigentes: “não tem funcionários profissionais, não há hierarquia, salário, autoridade institucional, regulamento algum. Há somente a intervenção do líder, a camaradagem do amor”⁴⁰. Isto é, coloca em curso a tentativa de construção de um mundo diferente.

A Missão de Fé Apostólica, no momento inicial de sua implantação, com seus quase vinte membros fundadores, concentra-se em ganhar almas para o Reino de Deus e consagrar ministros para promover a difusão do evangelho, aos moldes da experiência pentecostal. Ao passo que se expande e se estabelece em solo brasileiro⁴¹, além das pautas internas, também inicia um processo de envolvimento com aspectos políticos, beneficiando-se, por exemplo, do direito à liberdade religiosa e proteção estatal. Como retribuição, incute no imaginário da sua membresia valores simbólicos nacionais, tais como prestar o devido respeito e obediência aos governos estabelecidos, “temor e honra”⁴².

Segundo o teólogo norte-americano Donald Dayton, o termo evangelho quadrangular foi cunhado pelo norte-americano A. B. Simpson, ao “apresentar o Senhor Jesus Cristo num ministério quádruplo como Salvador, Santificador, Curador e Rei que vem”⁴³. O autor, ao caracterizar o termo, afirma que

[...] o Evangelho Quadrangular ou Evangelho de quatro pontos, também denominado Evangelho Pleno, compõe-se de quatro elementos: “Jesus salva; Jesus batiza com o Espírito Santo; Jesus cura e Jesus voltará, hoje universalmente confessados por todo pentecostalismo se formam separadamente no interior do Movimento de Santidade, confluindo ao longo do século dezenove para sua transformação em Movimento Pentecostal”⁴⁴.

Na pastoral, há um *modus operandi* acolhedor percebido nas primeiras décadas de sua origem no Brasil, na qual trouxe esperança de mudanças e oportunidade de inserção de membresia leiga na liderança dos trabalhos eclesiais. Após se consolidar, o pentecostalismo assembleiano complexifica o funcionamento de suas estruturas⁴⁵, agindo com maior rigidez nas arregimentações de novos adeptos e nas consagrações de membros indicados para exercer o ministério. Com isso, desenvolve-se uma certa racionalidade de dominação e um ritmo mais burocrático entre lideranças e membresia⁴⁶. Nesse messianismo institucionalizado, o messias toma forma no pastor ungido.

Ao ungido, juntam-se outras características, tais como: pregação escatológica e de esperança; a concepção de uma batalha espiritual contra o mal por meio da evocação de uma

³⁹ GANDRA, Valdinei Ramos. *Patrimônio cultural da Assembleia de Deus: memória e identidade na criação do centro de estudos do movimento pentecostal – CEMP*. Dissertação de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade apresentada a Universidade da Região de Joinville, 2014, p. 59.

⁴⁰ ALENCAR, 2010, p. 34.

⁴¹ Conforme Read (apud. ALENCAR, 2010, p. 19) o crescimento da igreja é bastante expressivo, passando de 20 membros em 1911, para 14.000 em 1930 e 120.000 em 1950. Ou seja, em torno de 108.000% em menos de 40 anos.

⁴² WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Editora Vida, 2011, p. 988.

⁴³ DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal: Carisma editora, 2018, p. 186.

⁴⁴ DAYTON, 2019, p. 23.

⁴⁵ SANCHIS, 1994, p. 53.

⁴⁶ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2018, p. 107-116.

moralidade santificadora; capacitação e apoderamento através de dons espirituais; e, conseqüentemente, vitória triunfal do bem sobre o mal e a promessa de prosperidade aos santos⁴⁷. No decorrer do século XX, o pentecostalismo se projeta nas periferias, zonas rurais e centros urbanos, progredindo sob a essência de uma práxis e prédica pautadas num Evangelho Pleno, partindo da crença messiânica no Jesus que “salva, aqui e agora e escatologicamente: que cura as enfermidades e dá esperança de uma vida melhor e digna; que batiza com o Espírito Santo; e, por último, a chave apocalíptica sobre a expectativa de seu breve retorno”⁴⁸.

Ademais, nota-se que alguns desses elementos foram observados em grupos religiosos “com características espirituais autônomas e manifestação de dons”⁴⁹ antes mesmo dos missionários suecos aportarem no Brasil. Estes movimentos foram denominados de “proto-pentecostalismo”⁵⁰, que se pareceria com os movimentos messiânicos, “pela sua natureza autônoma e caráter profético, ainda que, na maioria dos casos, sob um forte fanatismo”⁵¹, como por exemplo, em 1841, a Igreja Divino Mestre de Agostinho José Pereira. Neste contexto, informa Alencar que

[...] os pentecostais, na primeira década de sua chegada por aqui, encontram um país com uma “religiosidade mínima” (Droogers, 1987), de substância cristã e essencialmente sincrética, mesclada com “movimentos iluministas protestantes” (Léonard, 1988). É neste caldo que o pentecostalismo vai crescer. Ainda no século XIX, no meio protestante, já temos alguns “resíduos pentecostais”, pois já temos no Brasil grupos *holiness*, batistas letos, metodistas livres e, na terra do efervescente messianismo de Conselheiro, com curas e revelações, esses fenômenos típicos estão presentes desde sempre⁵².

Também Freston fornece subsídios que sustentam entrelaçamentos de fenômenos messiânicos e pentecostalismos, visto que

[...] havia também na tradição brasileira os movimentos messiânicos, proto-pentecostais por sua natureza popular autônoma e, às vezes, pelos carismas como profecias e glossolalia (falar em línguas). Os últimos grandes movimentos messiânicos coincidem com os primeiros passos do pentecostalismo⁵³.

Somando-se aos dois carismas, profecia e glossolalia, uma outra tríade de elementos podem ser agregadas ao movimento pentecostal como herança do pentecostalismo autônomo: a cura, o exorcismo e a prosperidade, visto que “nela conjugam-se fatores sócio-religiosos que responderiam à interpretação simbólica que as classes populares realizam de suas adversidades existenciais, geralmente de forma inconsciente ou difusa”⁵⁴.

⁴⁷ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

⁴⁸ OLIVEIRA, David Mesquiati de & TERRA, Kenner, R. C. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 31.

⁴⁹ ARAÚJO, Isael de. *História do movimento pentecostal no Brasil: o caminho do Pentecostalismo Brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 12.

⁵⁰ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

⁵¹ ARAÚJO, 2016, p. 12.

⁵² ALENCAR, 2019, p. 55.

⁵³ FRESTON, 1993, p. 67.

⁵⁴ BITTENCOURT FILHO, José. Remédio amargo. In: ANTONIAZZI, Alberto [et al.]. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 24-33, 1994, p. 24.

A exemplo de fatores que costumam reproduzir os messianismos, portanto, cada um dos elementos dessa tríade coaduna com a realidade social brasileira: “a cura viria ao encontro do conjunto de enfermidades físicas e psicossomáticas, num país no qual o atendimento médico passa por uma crise crônica”⁵⁵, onde a população não tem acesso aos recursos hospitalares. O cotidiano dos brasileiros é repleto de violência e insegurança. “O exorcismo seria um autêntico ‘dar nome aos bois’. Seria resposta a problemas desde desemprego até crianças nascidas com lesões irreversíveis. [...] Nisso reside a motivação fundante para o fervor e a ‘guerra santa’ contra todas as demais religiões”⁵⁶, visto que

[...] a prosperidade visível pela racionalização dos recursos reforça o discurso religioso que afirma a contribuição sistemática à Igreja como fonte de prosperidade. A tendência é o aumento da contribuição dos fiéis que o fazem com a maior alegria. Afinal de contas, o milagre é “visível” [...] Os anseios messiânicos são atendidos com doses maciças de misticismo, temperado com a liberdade quase total das expressões emotivas individuais e coletivas, criando um senso de fraternidade e dignidade singulares⁵⁷.

Elementos agregadores da dimensão comunitária do fenômeno messiânico se dão nas relações intersubjetivas permeadas pela taumaturgia e prosperidade. No decorrer do longo século XX, a esperança messiânica é pautada por sonhos de felicidade, que resultariam “num processo de reversão social”⁵⁸ de modo a impulsionar interesses desse grupo religioso à participação mais intensa no campo da política, sob a pretensa alegação de que se almeja dar cabo aos inúmeros problemas que oprimem os cidadãos menos favorecidos, induzindo-os a acreditar que colocando seus representantes religiosos na política, estes propiciariam meios para promover uma reviravolta na estrutura social,

[...] “amarrando os demônios” da inflação, quebrando as maldições hereditárias das doenças, e realizando “orações fortes” sobre cartões de crédito, chaves de carros e documentos de empresa, todos os envolvidos – individualmente – estão destinados a serem “cabeça e não calda”, a ser campeões de saúde, os líderes do mercado, os donos do poder. Como já eram “donos do poder espiritual” (dizimistas fiéis, realizadores de milagres, etc.), se tornarão, por consequência natural, os donos do poder político⁵⁹. (grifos do autor).

Sob a égide dessa esperança messiânica é que se constroem as identidades do pentecostalismo brasileiro, pautadas no combate do bem contra as hostes da maldade, onde os protagonistas são movidos pelas forças sobrenaturais divinas, cuja luta é resultante de um “forte sentimento de insatisfação com o mundo presente”⁶⁰ sendo que “messias e messianismo são sujeitos e movimentos, respectivamente, voltados para as classes dominadas e/ou grupos que estejam em desvantagem sociopolítica”⁶¹, resultando na confiança de que a vitória (profetizada) se cumpriria através do ungido e o povo escolhido de Deus, assim “na terra como no céu”⁶². Nas palavras de Desroche, esse movimento realizado pelo messias em relação à esperança do povo, trata-se do

⁵⁵ BITTENCOURT FILHO, 1994, p. 24.

⁵⁶ BITTENCOURT FILHO, 1994, p. 26.

⁵⁷ BITTENCOURT FILHO, 1994, p. 27.

⁵⁸ ROSSI, 2002, p. 25.

⁵⁹ ALENCAR, Gedeon Freire. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Arte editorial, 2005, p. 104-105.

⁶⁰ ROSSI, 2002, p. 28.

⁶¹ ROSSI, 2002, p. 29.

⁶² DESROCHE, 1985, p. 30.

[...] mesmo processo que se impõe em outra tradição parente da tradição das utopias: a dos messianismos-milenarismos na qual a imaginação religiosa fomenta um deus renovado ou até mesmo um novo deus contestatário da ordem social e religiosa estabelecida ou dominante, atestatário de uma nova maneira de encarar ou mesmo de implantar o reino de um novo deus num homem novo⁶³.

No que concerne à imagem dos pioneiros pentecostais, logo após o processo de institucionalização da igreja no Brasil (a partir da década de 1930), estes passam a ser percebidos como emissários da nova divindade. A identidade messiânica dos missionários Berg e Vingren é construída pelos autores das biografias oficiais, visto que “trabalham com a ideia de que a qualquer momento, os missionários irão receber uma missão ‘divina’, ou seja, a espera da promessa de Deus”⁶⁴. O que está em jogo “é a Palavra de Deus revelada dissipando as trevas do Mal, anunciando as ‘Boas Novas’ em milhares de corações, libertando-os para uma vida digna de se viver”⁶⁵. Entretanto, “não são livros de aventura ou ficção, porém os fatos vividos e contados ali por esses missionários, muitas vezes, remontam à própria imaginação de seus leitores”⁶⁶.

Para melhor entender o processo de construção de identidades coletivas, Jöel Candau assevera que “pode existir um núcleo memorial, um fundo ou um substrato cultural, ou ainda o que Ernest Gellner chama de ‘capital cognitivo fixo’, compartilhado por uma maioria dos membros de um grupo e que confere a este uma identidade dotada de uma certa essência”⁶⁷. Para o autor:

As sociedades caracterizadas por um forte e denso conhecimento recíproco entre seus membros são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva – que será nesse caso uma memória organizadora forte – do que as grandes megalópoles anônimas⁶⁸.

Assim, através da memória contida nos relatos, seja por meio da história oral ou da historiografia oficial encontrada em livros escritos por autores que frequentam as Assembleias de Deus, nota-se o esforço de se construir identidades próprias numa coletividade que outrora encontrava-se alheia, sem expressão na sociedade e que se desenvolve, permitindo-se construir em um contexto messiânico⁶⁹.

Compreende-se, portanto, que várias das características do fenômeno messiânico, elencadas no tópico anterior, encontram-se presentes no pentecostalismo assembleiano. A começar, percebe-se o fator decisivo das crises sociais como espaço propício para o desenvolvimento de movimentos comunitários organizados em torno da esperança de um mundo melhor. A mensagem pentecostal, além da clássica promessa cristã, oferece, em seus princípios, um contexto de popularização do serviço religioso, alcançando pessoas que outras denominações não conseguiam. As lideranças pentecostais exercem papel fundamental enquanto forças agregadoras, de modo que, com o tempo, os fundadores recebem contornos míticos pela historiografia. Sua pregação, em consonância com a pregação messiânica, aponta para a prosperidade, a cura e a libertação, como possíveis e concretizáveis. A comunidade reunida em torno dessa dinâmica messiânica se coloca em movimento, com um *ethos* próprio (mesmo que fluido e em mutação), na

⁶³ DESROCHE, 1985, p. 51.

⁶⁴ CORREA, 2018, p. 51-52.

⁶⁵ CORREA, 2018, p. 53.

⁶⁶ CORREA, 2018, p. 53.

⁶⁷ CANDAU, 2012, p. 26.

⁶⁸ CANDAU, 2012, p. 45.

⁶⁹ GANDRA, 2014.

tentativa de concretização do paraíso/reino de Deus. O messias/pastor ungido, vai a frente, liderando esse sonho messiânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a relevância dos pentecostalismos na sociedade brasileira, evidenciada por sua crescente incidência pública, faz-se necessária uma análise de sua estrutura social e teológica. Desse modo, o presente texto buscou realizar uma aproximação entre pentecostalismo assembleiano, conjunto mais representativo dentro do grupo denominado como *evangélico*, e messianismos brasileiros. Para tanto, identificaram-se uma série de características do fenômeno messiânico, a saber: 1. O mito messiânico como narrativa organizadora; 2. A esperança messiânica como força motriz desses movimentos; 3. O messias, sua pregação e atuação, como personificação daquela esperança; 4. A comunidade messiânica em busca da realização de um mundo novo; 5. As situações de adversidades socioeconômicas como disparador de insatisfações que solicitam uma resposta messiânica. Nesse contexto, em virtude da constante realidade de crises, o ciclo messiânico está sempre em curso.

Na sequência, contextualizou-se o pentecostalismo no solo brasileiro que, na virada do século XIX para o XX, época que foi fértil para o surgimento de movimentos de insatisfação com a realidade vivida. Ocasão que favoreceu a presença e consolidação de um movimento religioso que assumiu um protagonismo relevante no cenário nacional, não por último, em virtude de sua estrutura messiânica: ao oferecer um discurso de melhoria social, mesmo que isso não se efetivou satisfatoriamente; ao propiciar uma experiência comunitária unida em seus anseios de salvação e prosperidade; ao popularizar o acesso ao divino, na inserção de pessoas leigas que ocuparam funções litúrgicas outrora destinadas somente ao clero. Por fim, o pastor ungido (messias) é a liderança carismática que conduz a comunidade em seu sonho messiânico, operando sinais que atraem o céu para a terra.

Desse modo, nota-se uma aura messiânica em torno das lideranças unguidas, responsáveis pela unidade do rebanho. Não à toa que a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), é uma convenção de pastores e não de igrejas⁷⁰. Na base, está a mitologia dos fundadores, *enviados de Deus*, que replicam, no norte do país, a experiência da *Azusa Street*, sob a promessa de resgatar o Pentecoste⁷¹. Assim, de esperança em esperança e de crise em crise, o messianismo pentecostal se renova.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Arte editorial, 2005.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. 2ª edição ampliada. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

⁷⁰ CORREA, 2018.

⁷¹ OLIVEIRA & TERRA, 2018.

- ARAÚJO, Isael de. *História do movimento pentecostal no Brasil: o caminho do Pentecostalismo Brasileiro até os dias de hoje*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- BITTENCOURT FILHO, José. Remédio amargo. in ANTONIAZZI, Alberto [et al.]. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 24-33.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2018.
- CORREIO BRAZILIENSE. *Leia o discurso de Jair Bolsonaro após ser eleito presidente*. 29 out. 2018. Disponível em:
https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/29/interna_politica,716076/discurso-de-bolsonaro-na-integra.shtml. Acesso 18 nov. 2020
- CRIPPA, Adolpho. *Mito e cultura*. São Paulo: Editora convívio, 1975.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e política: fundamentalismos evangélicos no Brasil contemporâneo e suas expressões pelas mídias. In: KUZMA, Cesar; CAPPELLI, Marcio. (Org.). *Religião, ética e política*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- DAYTON, Donald. *Raízes teológicas do pentecostalismo*. Natal: Carisma editora, 2018.
- DESROCHE, Henri. *Sociologia da Esperança*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- DESROCHE, Henri. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: UESP, 2000.
- DOBRORUKA, Vicente. *História e milenarismo: Ensaio sobre tempo, história e o milênio*. Brasília: UNB, 2004.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- GANDRA, Valdinei Ramos. *Patrimônio cultural da Assembleia de Deus: memória e identidade na criação do centro de estudos do movimento pentecostal – CEMP*. Dissertação de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade apresentada a Universidade da Região de Joinville, 2014.
- GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. O messianismo milenarista no Brasil e o mito do eterno retorno: limites e possibilidades de reflexão. In: *Ciências da Religião – História e Sociedade*, v. 6, n. 2, 2008, p. 13-35.
- LOPES, Noemi Araújo. *A frente parlamentar evangélica e sua atuação na Câmara dos Deputados*. Monografia em Ciência Política. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

- MENEZES, Renata. Religiões, número e disputas sociais. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n.69, p. 60-70, 2014.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- NARBER, Gregg. *Entre a cruz e a espada: violência e misticismo no Brasil rural*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Messianismo, movimento messiânico e milenarismo. In: *Revista USP*, n. 82, 2009, p. 32-45.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de & TERRA, Kenner, R. C. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio [et. al.]. *O Brasil Republicano*. v. 9: Sociedade e instituições (1889-1930). 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: A guerra sertaneja do Contestado: 1912/1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- RODRIGUES, Raymundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Editora Senado Federal, 2006.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Messianismo e modernidade: repensando o messianismo a partir das vítimas*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SAKAMOTO, Leonardo. *Preso por corrupção, Pastor Everaldo “batizou” Bolsonaro e Wilson Witzel*. 28 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/08/28/acusado-de-corrupcao-pastor-everaldo-batizou-bolsonaro-e-wilson-witzel.htm>. Acesso em: 18 de Nov. 2020.
- SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto [et al.]. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 34-63.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2014.
- SOUSA, Rodrigo F. de. O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência. In: *Revista USP*, n. 82, 2009, p. 8-15.
- SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. In: *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n.69, 2014, p. 34-45.
- WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. São Paulo: Editora Vida, 2011.